

# Sonangol

## o braço empresarial do governo angolano

A petrolífera, o maior grupo do país, está em muitos sectores além do seu, como a construção, hotelaria e banca. Quer lucrar mais com a exploração de petróleo dentro e fora do país, e continuar a internacionalização

**Luís Villalobos**

● Um gestor que tem acompanhado vários investimentos no território angolano sintetiza a importância da petrolífera numa frase: “Quem não se dá com a Sonangol dá-se mal em Angola”. E a presença da empresa alarga-se a diversas áreas além do petróleo, tendo um objectivo claro de expansão para fora das suas fronteiras.

“Vamos continuar a internacionalizar a empresa este ano. Tendo em conta a actual conjuntura de bons preços [do petróleo] vamos manter o foco na diversificação e na internacionalização, sempre que isso seja possível e viável”. As palavras são de Manuel Vicente, presidente da petrolífera angolana Sonangol, proferidas pelo próprio à revista do grupo, Universo, na sua última edição.

A expansão passa, em parte, pelos investimentos que efectuou em Portugal, com a entrada indirecta no capital da Galp em 2006, em associação com Américo Amorim, e com a compra de acções do BCP. Depois de ter começado a comprar em 2007, hoje já está na barreira do dez por cento, sendo o seu maior accionista. A partir do BCP, a Sonangol, além de influência, tem um olhar privilegiado sobre o mundo dos negócios e da economia em Portugal, podendo mais facilmente analisar oportunidades de investimento. Segundo Manuel Vicente, as áreas mais atractivas no país são o sector energético e o sector financeiro.

O Banco Africano de Investimentos (BAI), onde a Sonangol é o principal accionista (ver cronologia e página sete), está representado em Lisboa, além de deter 20 por cento do Banco Português de Negócios no Brasil. Na capital portuguesa, o BAI é liderado por Tavares Moreira (ex-governador do Banco de Portugal), e detém 2,5 por cento da Fomentinvest (presidida por Angelo Correia, tem entre os seus accionistas o BES, CGD, Banif, Ilídio Pinho e FLAD). Além de Portugal, onde está registado com o nome de BAI Europa, o banco está também presente em Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

O relatório económico anual do Centro de Estudos e Investigação Científica (CEIC) da Universidade Católica de Luanda, publicado no final de Junho, sublinha que empresas públicas como a Sonangol “são um instrumento da política económica e social do Governo e, neste contexto, podem ser utilizadas para a obtenção de determinados objectivos, entre os

quais o da internacionalização da economia angolana”. Nesta estratégia, diz, pode ser englobado “o ataque ao mercado financeiro português” e que inclui a exigência de participar no capital das instituições que operam em Angola. É o próprio Manuel Vicente quem diz que “uma das razões pelas quais estamos a internacionalizar é porque isso faz parte da política do Governo”.

Ao PÚBLICO, o investigador Ricardo Soares Oliveira, que fez um trabalho sobre a Sonangol (ver página sete), afirma que “a Sonangol não é apenas uma companhia petrolífera, é um braço do Estado angolano, politizada”. Defende mesmo que a empresa pode ser considerada um fundo soberano, com uma particularidade: “Ao contrário dos fundos soberanos convencionais, que tentam afastar ou negar as conotações políticas, a Sonangol assume essa ligação”. Assim, quando a Sonangol entra em sectores económicos, terá sempre um papel político. No caso de Portugal, o peso crescente de Angola poderá reflectir-se ao nível da política externa, nomeadamente via CPLP.

### Do Golfo da Guiné ao Brasil

No entanto, os negócios da Sonangol, fora do seu país de origem, não passam só por Portugal. Embora a empresa não tenha relatório e contas, nem seja auditada, uma pesquisa conduz a petrolífera para S. Tomé e Cabo Verde, onde está no retalho de combustíveis (no último caso, em parceria com o governo local e com a Galp), tal como sucede no Congo. Nos EUA, tem 30 por cento do terminal de gás natural de Pascagoula, Mississipi, e na Argentina entrou associada a empresas chinesas, mas pouco se sabe sobre a eficácia do processo. Ainda nos EUA, a influência da Sonangol alarga-se a outros domínios, sendo tida como um dos investidores de fundos do grupo Carlyle, do qual faz parte Manuel Vicente (ver página sete).

Afirmando-se a nível regional, alargou também a sua presença ao Gabão (tem 10 por cento do bloco Klarsensy Marin, em parceria com a irlandesa Tullow Oil e a Addax Petroleum), Guiné Equatorial, Nigéria e São Tomé e Príncipe. A empresa, que tem escritórios em Londres, Houston, Singapura e China, através dos quais faz os seus negócios, ainda criou uma “joint-venture” com a chinesa Sinopec para desenvolver a exploração petrolífera dentro e fora de Angola. O relatório do CEIC, coordenado pelo

### Empresa de milhões

17

**O grupo Sonangol deverá encaixar 17 mil milhões de dólares este ano (cerca de 12 mil milhões de euros, ao câmbio actual), e lucrar entre 1,2 e 1,3 mil milhões de dólares**

economista Manuel Alves da Rocha, refere que “a internacionalização da Sonangol tem, de momento, dois eixos fundamentais: Angola e Brasil”, defendendo que a petrolífera quer entrar directamente na exploração do petróleo brasileiro em parceria com o BES, cujo grupo a que pertence tem diversos interesses nos negócios angolanos e no Brasil.

A petrolífera angolana, por sua vez, tem relações estreitas com empresas como a Odebrecht (dona da Bento Pedroso Construções), com a qual vai investir nos biocombustíveis. A tese de expansão para o Brasil, que o BES não comenta, sublinharia o novo papel que a Sonangol quer representar a nível global: o de petrolífera com capacidade de liderar projectos de exploração e produção de hidrocarbonetos.

### Uma nova empresa

De uma só assentada e de forma discreta, a Sonangol ganhou, no passado mês de Julho, os direitos de exploração de dois blocos petrolíferos em Angola, catalogados com os números 9 e 21 e que, até agora, faziam parte de um leilão internacional. O primeiro bloco está localizado em águas rasas e o segundo em águas profundas, requerendo menos investimentos do que os que estão em águas ultra-profundas. Esta adjudicação directa foi efectuada no mesmo mês em que deveriam ter sido assinados os contratos de novas concessões para blocos petrolíferos em Angola. No entanto, o concurso internacional foi interrompido em Fevereiro passado, sem grandes justificações, após a pré-qualificação das empresas interessadas. O leilão, que fica agora diminuído sem estes dois blocos, deverá ser retomado após as eleições legislativas que se realizam hoje neste país.

Através da Sonangol Pesquisa e Prospeção (Sonangol P&P), a empre-

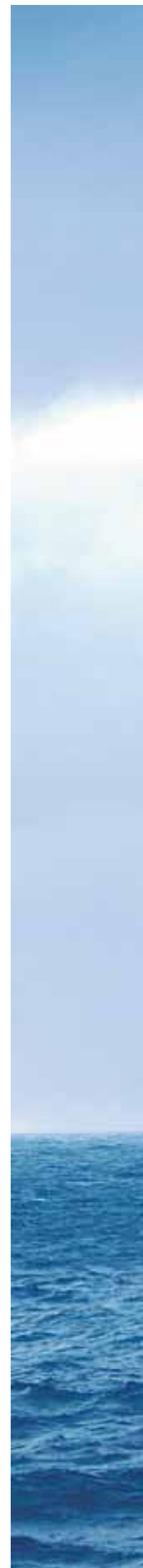
sa pretende ter um papel mais activo e mais lucrativo, e, apesar da necessidade de investimento. Isso pode ser feito através da associação com a Sinopec ou outras empresas em subcontratação, ficando com novos blocos em Angola, com poços cujas licenças de empresas estrangeiras estejam a terminar ou com blocos através de um sistema de “troca”: se a Sonangol P&P for “bem recebida” em determinado país, como diz o seu presidente, Sebastião Martins, estes também o serão em Angola. Olhando para as empresas pré-qualificadas para os blocos angolanos actualmente em leilão (81, das quais 39 para operadores, a quem cabe a responsabilidade da exploração), despontam nomes como a Sinopec, Chevron, ENI, Galp, Gaz de France, as russas Gazprom e Lukoil, Petrobras, Shell, Total, Esso e BP.

O mercado angolano tem ainda bastantes reservas por explorar, prevenindo-se, segundo o presidente da Sonangol, Manuel Vicente, que sejam perfurados cerca de 100 poços nos próximos quatro anos. O expoente máximo actual é a exploração de Cabinda, avaliada em cerca de 10 mil milhões de dólares. De acordo com declarações do presidente da Sonangol P&P, esta deverá ser responsável, no futuro, por 20 a 40 por cento da produção total angolana, que está na casa dos dois milhões de barris por dia. “Antes de se decidir abrir os blocos ‘offshore’ a empresas estrangeiras no Brasil, foi dada preferência à Petrobras”, disse Sebastião Martins à revista do grupo, acrescentando: “Julgo que isso deveria acontecer [com a Sonangol P&P] no próximo leilão” em Angola.

Neste momento, a Sonangol, sinónimo de petróleo, riqueza e poder no seu país, acumula diversos papéis, sobrepostos. É, simultaneamente, reguladora da indústria petrolífera, concessionária, parceira minoritária, operadora líder e concorrente, bem como prestadora preferencial de serviços através das suas diversas subsidiárias e participadas. É suposto, tal como já foi recomendado pelo Banco Mundial, que haja uma clarificação de funções dentro de dois a três anos, o que poderá também levar a mudanças na organização da empresa.

Ao mesmo tempo, a petrolífera cumpriria parte das exigências internacionais de maior transparência ao entrar na bolsa, com contas auditadas. Aqui, diversos observadores contactados pelo PÚBLICO referem que deverá ser a Sonangol P&P a →

**A empresa, presente em Portugal, quer apostar cada vez mais na pesquisa e produção, tendo já ficado com dois blocos que iam a leilão**



MARCEL MOCHET/AFP



## Marcos da riqueza estatal

### 1950's

Primeiras **descobertas de petróleo** com potencial comercial, que se viriam a confirmar nos anos 60, destacando-se a zona de Cabinda (explorada pela Gulf Oil, depois Chevron).

### 1973

Petróleo torna-se o produto com **maior peso nas exportações** de Angola.

### 1975

**Independência** de Angola.

### 1976

**Criação da estatal Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola** - Sonangol, com base nos activos portugueses nacionalizados.

### 1978

**Galp** (Petrogal) entra em Angola como operador.

### 1979

**José Eduardo dos Santos** chega à chefia do Governo. Surge o Ministério do Petróleo.

### 1983

Abertura do **escritório em Londres**.

### 1991

**Criação do banco BCI**, estatal, onde a empresa tem pouco mais de 1 por cento. É no princípio desta década que se inicia a exploração em águas profundas e ultra profundas, e que dará um novo ritmo à produção.

### 1992

Surge a **Sonangol Pesquisa e Prospeção**.

### 1997

**Nascimento do banco BAI**, ficando a Sonangol com 17,5 por cento. A empresa abre escritório em Houston. Surge a Enacol, distribuidora em Cabo Verde, em parceria com a Galp, e a MSTelcom Mercury, de telecomunicações.

# Capa

## Marcos da riqueza estatal

### 1998

Criação da **Sonangol Congo**, com sede em Kinshasa, e da Enco, distribuidora em S. Tomé e Príncipe.

### 2001

**Fundação da AAA** (Angola, Agora e Amanhã), empresa de fundos de pensões, accionista do angolano BPA com 19,5 por cento do capital.

### 2003

**Expansão para Singapura** e primeira concessão de bloco, enquanto operador, para a Sonangol P&P (bloco 3).

### 2004

Criação da **China Sonangol**.

### 2006

Aliada a Américo Amorim, a **Sonangol entra no capital da Galp Energia** via Amorim Energia. Detém, indirectamente, cerca de 15 por cento da petrolífera portuguesa. **Nasce o Banco Privado Atlântico** (BPA), onde a Sonangol tem, pelo menos, 42,5 por cento.

### 2007

**Angola passa a pertencer à OPEP**. Em Junho desse ano compra dois por cento do BCP, por cerca de 250 milhões de euros. Surge notícias que poderia ir até aos 5 por cento. Hoje tem cerca de dez por cento, e é o maior accionista a título individual.

### 2008

**Arranca o leilão de blocos petrolíferos**, previsto para antes das eleições legislativas de Setembro. Foi adiado sem explicação e nova data.

Em Fevereiro, Manuel Vicente, afirma, a propósito da parceria Sonangol/Galp na Enacol, que a petrolífera angolana agora é "patrão" na Galp.

O PÚBLICO noticia que o marido de Isabel dos Santos (filha do presidente angolano e sócia de Américo Amorim em vários negócios), Sindika Dokolo, faz parte do conselho de administração da Amorim Energia.



## “

**Uma das razões pelas quais estamos a internacionalizar é porque isso faz parte da política do Governo.**

Manuel Vicente

## ”

estrear-se no mercado de capitais, com bons activos e sem histórico de passivos, ficando a "holding" com a multiplicidade de outros negócios, difíceis de escrutinar. Um caso bem sucedido é o da Petrochina, que surgiu a partir da estatal China National Petroleum Corporation (CNPC). Cotada em bolsa, a Petrochina vai ficar com os activos da CNPC na área de exploração, excepto os poços situados no Sudão.

Tendo registado receitas (não auditadas) de 11 mil milhões de dólares em 2007, valor que deverá subir este ano para os 17 mil milhões, com lucro de 1,2 a 1,3 mil milhões de dólares, segundo valores do próprio presidente, Manuel Vicente, aquilo que é hoje a Sonangol engloba uma constelação de dezenas de negócios. Em associação com várias empresas, opera, além da banca e seguros, em áreas que vão desde as telecomunicações aos produtos alimentares e catering, passando pela aviação, navegação, construção (a Bricomil, com a Odebrecht), imobiliário, hotelaria (está a construir um hotel de cinco estrelas em Luanda), engenharia (com a Technip) e serviços.

A empresa afirma que parte destes negócios surgiu por necessidade, em tempo de guerra, e que se irá desfazer de alguns deles, mas até agora nenhum passo foi dado nesse sentido. Um responsável ligado a Angola refere que a Sonangol vai "secando alguns sectores do empresariado local", ideia que é também defendida por Ricardo Soares Oliveira, já que os concorrentes "não conseguem o mesmo nível de acesso ao capital, pessoal especializado e ligações políticas". Ao mesmo tempo, os seus negócios, diz o investigador, beneficiam a elite do país. Até agora a riqueza gerada pela companhia (sendo o petróleo o principal sustento económico de Angola) não tem sido repercutida no resto da população. O relatório do CIEC diz que "quase 70 por cento da população sobrevive com muitas dificuldades".

## Comunicações

### Concorrer com Angola Telecom e Unitel

Constituída em 1997, a MSTelcom é hoje um concorrente da operadora do Estado, a Angola Telecom, e da empresa de telecomunicações móveis Unitel (que reúne sócios como Isabel dos Santos e Portugal Telecom, tendo 25 por cento do capital cada um).

Tendo por base um moderno sistema de satélites, e uma licença de operador de telecomunicações ganha em 2003 (sendo uma das quatro existentes), a MSTelcom tem entre os seus clientes o próprio grupo Sonangol, mas também empresas como a Galp e a Cimangola. Com cobertura nacional, e através dos serviços da Mercury e da neXus, aposta no mercado empresarial ao fornecer o acesso à Internet,



transmissão de dados em banda larga, chamadas e comunicações móveis profissionais (o chamado "trunking"). Dirigida por Alberto Araújo, a empresa, segundo as suas próprias

informações, emprega apenas cerca de 70 trabalhadores, tendo também entrado na área do retalho. A primeira loja de vendas já foi inaugurada em Luanda, tendo representado um investimento da ordem dos 500 mil dólares. Na área das comunicações, tem ainda uma rede interna de televisão. Baptizada de "Sonangol TV", iniciou a sua actividade há quatro anos.

## Transportes

### Mais do que uma questão de mobilidade

Preparando-se para entrar na IATA (organização mundial do sector aéreo), a Sonair tem um frota composta por quase 50 aparelhos, dos quais mais de metade são aviões. Aqui incluem-se modelos Boeing 727 e jactos Falcon, na versão F900. Se os helicópteros são explicados pela necessidade de deslocação às plataformas petrolíferas, os aviões já se mostram capazes de viabilizar um negócio paralelo ao da petrolífera. Liderada por António dos Santos, a Sonair faz três ligações semanais de Luanda a Houston, nos EUA (cidade onde a empresa tem um escritório e é um ponto central do sector do petróleo). Além disso, as suas rotas ligam a capital angolana a localidades do país como Benguela, Cabinda, Catumbela, Huambo, Lubango, Ondiva e Soyo. A ideia, segundo o seu próprio



presidente, é maximizar a quota já detida, apostando no mercado empresarial usando táticas de marketing e publicidade e em competição declarada com a transportadora estatal TAAG e com a Air Gemini, da Escm.

Apesar desta estratégia, o grupo já afirmou, na sua própria revista interna, que a Sonair, ou parte do seu capital, poderia ser uma das unidades a alienar.

Nos transportes, a Sonangol tem ainda a divisão marítima.

## Investimentos

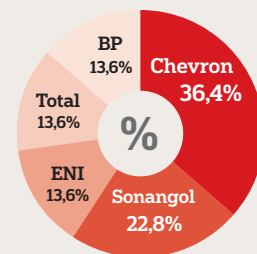
### A próxima aposta é o gás natural liquefeito

Dos vários projectos em curso dentro do seu país, e nos quais a Sonangol terá de se aplicar, o do gás natural liquefeito (GNL) é o que requer maiores investimentos. Repartindo o risco com investidores, a empresa quer avançar, após vários atrasos, com o projecto da fábrica de GNL, a edificar no Soyo, província do Zaire. O arranque deverá ser dado este ano, com a produção a iniciar-se em 2012.

O projecto, liderado pela Chevron e que envolve outras multinacionais como a ENI, implica um investimento que vai dos três mil milhões de dólares aos quatro mil milhões.

Até agora, o gás angolano tem sido quase todo queimado, sem proveito do seu valor e com custos ambientais, e a ideia é aproveitar ao máximo este

Accionistas do projecto de GNL



FONTE: Empresas

activo, gerando outros negócios como o da indústria petroquímica. O grupo tem ainda de investir no desenvolvimento da incipiente rede de combustíveis em todo o território, até pelo aumento de número de automóveis, bem como em novas refinarias.